

O RISCO DE 1990

Colapso nos serviços essenciais. Previsão sombria.

Há uma crise programada para o início da próxima década: faltará energia elétrica, aço, telefones, petróleo, água potável nas cidades. Em parte, os indícios dessa crise começam a surgir, como o esgotamento dos equipamentos telefônicos de Alphaville. E o melhor indicador é o sinal de linha ocupada, nota o presidente da Confab Industrial, Roberto Cayubi Vidigal, um observador privilegiado dos danos causados pela exaustão do Estado e de suas empresas, em geral produtoras de bens e serviços indispensáveis à população.

Ex-presidente da Abdib-Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base, Vidigal é atingido como consumidor e como fornecedor — a maioria dos clientes do grupo Confab, que faturou US\$ 240 milhões em 1987 e projeta número semelhante para 1988, é constituída por empresas estatais. E elas não investem ou não pagam as contas. Só os Estados da Bahia e de Alagoas devem US\$ 10 milhões à Confab, atrasos que chegam a mais de um ano.

A exaustão dos investimentos estatais é a responsável direta pela escassez inevitável na próxima década. Caso da energia elétrica, que já está faltando no Nordeste e que, não havendo chuvas, faltará inevitavelmente em 1992, na região Sudeste — ou antes, se predominar a seca. Ou do aço, que já é escasso para alguns fornecimentos no mercado interno.

Se o Estado e as estatais estão exauridas, Vidigal recomenda, a curto prazo, um enxugamento agudo nas despesas de custeio, a realocação dos recursos para os projetos de rápido retorno, simultaneamente à decisão de médio prazo de atrair o investimento privado. Novamente aí, a Confab serve como exemplo: está construindo em um terreno da Cosipa, cedido em comodato, uma fábrica para aproveitar os gases liberados na produção de coque. Hoje, esses gases só servem para poluir a atmosfera,

mas a partir do ano que vem serão transformados pela Confab Química em BTX, um produto de exportação. O investimento é de US\$ 26 milhões, com 1/3 de recursos próprios e 2/3 do BNDS, e se a rentabilidade superar os 13% anuais previstos, o excedente será dividido entre a Confab e a Cosipa. "Se eu recebesse os atrasados dos clientes, repetiria a operação na siderúrgica de Tubarão", reforça Vidigal.

Associações

As necessidades de investimentos das empresas públicas são gigantescas; destacando-se os US\$ 6 bilhões anuais requeridos para o setor de energia elétrica. Mas com US\$ 1,2 bilhão, já se poderia elevar de dois milhões de toneladas anuais a produção de laminados, "produtos enobrecidos de maior valor agregado que as placas". Só que os investimentos devem ser feitos nas usinas já existentes: a Usiminas, a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e a Cosipa, além da Açominas e Tubarão. "Isto é somente completar os investimentos nessas empresas, de forma que cada tonelada adicional exigirá um investimento de US\$ 600. Para construir uma usina nova, o investimento passa a US\$ 1.500 por tonelada." Por causa do custo, Vidigal é contra o pronto início dos investimentos na Usimar, no Maranhão.

O desafio é encontrar empresários e recursos para associar os investimentos privados às estatais exauridas. Isto é possível, nota o presidente da Confab, mas o clima institucional tem sido desfavorável. "A área siderúrgica permitiria investimentos privados em oxigênio e até em laminadores, hipótese em que o investidor receberia o pagamento em placas."

Em qualquer caso, porém, adverte Vidigal, os preços não podem submeter-se a critérios políticos. Deve-se levar em conta os investimentos. Ou então, "aceitar o risco do mercado, o que o empresário sabe melhor do que ninguém". Paralelamente, a indústria de base está preocupada com a escassez de financiamentos do BNDES, afetando um setor que só trabalha no longo prazo, a partir de encomendas. E que, operando com elevadíssima ociosidade (cerca de 45%), convive com a concorrência predatória e não é especializado.

O ex-presidente da Abdib refere-se à situação atual como um jogo entre os dois Brasis: um real, que trabalha, e outro fictício — o país dos políticos e dos burocratas.

"Mas eu jogo na vitória no País real."

— A sociedade brasileira, com seu sofrimento, está aprendendo que seu principal mal são os maus políticos que a governam. Mas pela primeira vez, empregados e patrões começam a falar a mesma linguagem, o que determinará a eleição de homens que também falem a mesma língua, substituindo gradativamente os demagogos fisiológicos.



Cayubi: exaustão do investimento estatal.